



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

NAYANE CLAUDIA FARIAS

**PRÁTICA ESPORTIVA COMO AGENTE MOTIVADOR
NA VIDA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA**

ARIQUEMES / RO

2018

Nayane Claudia Farias

**PRÁTICA ESPORTIVA COMO AGENTE MOTIVADOR
NA VIDA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física.

Profº Orientador: Osvaldo Homero Garcia Cordero

ARIQUEMES / RO

2018

Nayane Claudia Farias

**PRÁTICA ESPORTIVA COMO AGENTE MOTIVADOR
NA VIDA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Educação
Física, da Faculdade de Educação e
Meio Ambiente como requisito à
obtenção do título de Licenciatura em
Educação Física.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Orientador Esp. Osvaldo Homero Garcia Cordero
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof. Ms. Leonardo Alfonso Manzano
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Prof. Ms. Yuri de Lucas Xavier Martins
Faculdade de Educação e Meio Ambiente

Ariquemes, 18 de Maio de 2018.

Ao meu querido e amado pai Izaqueu
Cláudio Pinto.

A minha digníssima e amada mãe Pedrelina
da Glória Farias.

AGRADECIMENTOS

A meu Deus, por me guiar ao longo deste caminho, pela Vitória e conquistas diárias.

Ao Prof. Orientador Osvaldo Homero Garcia Cordero, pela dedicação em todas as etapas deste trabalho, pela compreensão nos momentos difíceis, pela sabedoria transmitida, por cada palavra de motivação, por tornar real o sonho da realização deste trabalho.

A minha querida e amada mãe Pedrelina da Glória Farias pelo apoio e atenção, por estar presente em todos os momentos, e principalmente por ser meu pilastre nos momentos de crise e angústias, por secar cada lágrima derramada, por me segurar a cada tropeço, por nunca me deixar desistir, por fazer possíveis meus sonhos, te amo mãe.

Ao meu amado pai Izaqueu Claudio Pinto, por me dar o apoio necessário. Mesmo não podendo estar presentes em todos os momentos, nunca faltou com suas palavras e incentivos, por tornar possível meus dias de acadêmica, por ser meu exemplo de pessoa, te amo pai.

Ao meu querido irmão Mateus Claudio Farias Pinto, por nunca me abandonar, por sempre fazer tudo possível para a realização deste sonho, te amo irmão.

A minha fiel amiga de classe, Joyce Dias da Mercês, por estar fielmente ao meu lado todos os dias ajudando e me consolando, por nunca me abandonar, por fazer parte desta etapa da minha vida, a levarei para sempre em cada caminho que trilhar.

Aos demais amigos e colegas, que Deus colocou em meu caminho para me alegrar e consolar nos momentos tristes, e fazer momentos felizes onde inúmeros sorrisos foram dados. Sem vocês com certeza esta caminhada seria mais longa e dolorosa.

Aos professores e colegas de Curso, por juntos concluirmos esta etapa tão importante em nossas vidas, pela troca de sabedoria que dia a pós dias foram trocadas, pelo apoio e compreensão em todos os momentos.

A cada motorista que me conduziu em todos esses anos, ao longo desses 141 km de estrada, por cuidarem zelosamente da minha vida, por toda atenção e comprometimento, por sempre permitir que Deus os guiasse, assim não permitindo

nem um acidente.

A todos que, de algum modo, colaboraram para a realização e finalização deste trabalho, meu muito obrigado, vocês que foram fundamentais para a realização deste sonho.

*A verdadeira deficiência é
aquela que prende o ser humano
por dentro e não por fora, pois até
os incapacitados de andar podem
ser livres para voar.*
THAÍS MORAES

RESUMO

A Educação Física (EF) é considerada um movimento milenar que vem sendo praticado desde o surgimento das primeiras civilizações. Tem a capacidade de fortalecer tanto o físico como o mental no intuito de proporcionar saúde. A Educação Física Adaptada (EFA) consiste em uma subárea da EF que atende de modo satisfatório pessoas com deficiências. São conjuntos de atividades criteriosamente planejadas que tem o objetivo de atender as limitações de cada indivíduo. O esporte é um agente promotor de saúde, agindo no desenvolvimento psicomotor diminuindo as limitações do corpo. O objetivo deste estudo é analisar os benefícios que são adquiridos quando um indivíduo deficiente adere a uma prática física regular em sua rotina de vida. Quando praticada de forma irregular ou exagerada, estas práticas físicas apresentam efeitos negativos, o que compromete a saúde do indivíduo. A presença de um profissional da área de Educação Física é indispensável no desenvolvimento de atividades esportivas para deficientes físicos.

Palavras-chave: Educação Física, Educação Física Adaptada, Saúde.

ABSTRACT

Physical Education (PE) is considered an ancient movement that has been practiced since the birth of the first civilizations. It has the capacity of strengthen both the physical and the mental in order to provide health. Adapted Physical Education (EFA) consists of a subarea of PE that caters satisfactorily to people with disabilities. They are carefully planned sets of activities that aim to meet the limitations of each individual. Sport is a health promoting agent, acting in the psychomotor development decreasing the limitations of the body. The purpose of this study is to analyze the benefits that are gained when a disabled individual adheres to a regular physical practice in his or her life routine. When practiced in an irregular or exaggerated way, these physical practices have negative effects, which compromises the health of the individual. The presence of a professional in the area of Physical Education is indispensable in the development of sports activities for the physically disabled.

Key words: Physical Education, Adapted Physical Education, Health.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIF	Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde
EF	Educação Física
EFA	Educação Física Adaptada
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	14
....	
2.1. OBJETIVO GERAL.....	14
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
3 METODOLOGIA.....	15
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
4.1. PRÁTICAS ESPORTIVAS NA SOCIEDADE MODERNA.....	16
4.2. TIPOS DE DEFICIÊNCIAS FÍSICAS E SUAS CAUSA.....	17
4.3. DEFICIÊNCIA FÍSICA E SEDENTARISMO.....	20
4.4. EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA E SEUS BENEFÍCIOS.....	21
4.5. MODALIDADES ESPORTIVAS NAS PARALIMPÍADAS	23
4.5.1. Paratletas destacados no Brasil	25
4.6. A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NO ÂMBITO ESCOLAR	27
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

As práticas esportivas fazem parte do ciclo do desenvolvimento humano, os benefícios começam com sua prática na infância e adolescência, pois a criança ao ter uma vida ativa, se torna um adulto ativo. (RIBEIRO, 2009).

“Deficiência física é todo comprometimento da mobilidade, coordenação motora geral ou da fala, causado por lesões neurológicas, neuromusculares e ortopédicas ou ainda por má formação congênita ou adquirida”. (TAGLIARI; TRÊS; OLIVEIRA, 2006).

Contemporaneamente há uma quantia crescente de deficientes físicos buscando maior qualidade de vida e longevidade. Entretanto, os deficientes costumam ser mais sedentários, dessa forma, o apoio da família e dos amigos é essencial para que estes adotem um estilo de vida ativo (ZUCHETTO, 2002; RESENDE; GOUVEIA, 2011).

Os efeitos benéficos que a prática de atividades esportivas tem sobre a vida de um deficiente físico é visível, visto que a prática regular proporciona a saúde como um todo, seja físico, mental ou social, além de promover o lazer, mesmo que estes não atinjam o mesmo grau de aproveitamento do restante da população (NOCE; SIMIM; MELLO, 2009).

De acordo com Martins e Rabelo (2008), a prática de atividades motoras permite que o deficiente físico teste suas capacidades, estenda suas respostas motrizes, evita deficiências secundárias, aprimora condições fisiológicas e, conseqüentemente, melhora a autoestima e a inserção do indivíduo.

O presente estudo tem o intuito de apresentar os benefícios da prática esportiva para a saúde e qualidade de vida de deficientes físicos. Quando se trata de um deficiente a atenção aumenta, visto que os exercícios devem ser adaptados às suas necessidades. Fica evidente que esse grupo necessita de maior atenção vinda dos profissionais de Educação Física, pois um exercício realizado de maneira incorreta pode agravar o quadro do deficiente físico e trazer danos irreparáveis à sua saúde física. Há uma grande demanda por esse tipo de atividade, entretanto, poucos profissionais capacitados para esta demanda.

Assim como indivíduos sem deficiência, os deficientes físicos podem se tornar sedentários, devido a mudanças no estilo de vida, o que pode ocasionar problemas como obesidade, depressão e distúrbios do sono, o que pode levar a outras enfermidades. A prática de atividades físicas possibilita que o deficiente físico sinta sensações e movimentos que não costumam sentir, seja pela questão física, ambiental e social. (NOCE; SIMIM; MELLO, 2009).

O esporte adaptado permite que deficientes físicos se vejam não somente como deficientes, mas como atletas. A prática esportiva promove melhorias na autoconfiança, autoconceito e autoestima. Além disso, auxilia na prevenção de enfermidades, promove integração e inclusão social, propiciando assim melhoras no bem-estar e qualidade de vida do deficiente. (CARDOSO, 2011; LEHNHARD; MANTA; PALMA, 2012; GRUBANO, 2014).

2 OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

Descrever a importância da prática esportiva como agente motivador em deficientes físicos e na melhoria da qualidade de vida dos mesmos.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Especificar a importância do esporte na sociedade;
- ✓ Identificar os tipos de deficiência física e suas causas;
- ✓ Apontar a relação do sedentarismo com a deficiência física;
- ✓ Definir Educação Física Adaptada;
- ✓ Discorrer sobre as modalidades esportivas nas Paralimpíadas;
- ✓ Relatar acerca da função do Profissional de Educação Física nas Atividades Físicas Adaptadas.

3 METODOLOGIA

O presente estudo é uma revisão de literatura que tem suas bases em artigos já publicados que relataram acerca do tema neste abordado, sua fundamentação teórica foi realizada baseada em materiais disponíveis em bancos de artigos de sites de pesquisa documentais como: Google Acadêmico, Scielo (Scientific Eletronic Library Online), além da Biblioteca Júlio Bordignon, localizada na Faculdade de Educação e meio Ambiente (FAEMA).

Foi utilizado um total de 52 literaturas, sendo eles artigos, livros, legislações, relatórios, anais de encontros científicos e homepages de órgãos governamentais, que foram encontrados através dos descritores: “deficiência física”, “esporte adaptado”, “Educação Física Adaptada”, “Jogos Paralímpicos”, “Adapted Physical Education”, e “Professor Educação Física Adaptada”.

Foram selecionadas as literaturas publicadas a partir do ano 2000, e que tivessem informações pertinentes ao tema e que pudessem ser utilizadas neste estudo.

Inicialmente realizou-se a leitura dos artigos encontrados, mantendo-se somente aqueles que possuíam informações que poderiam ser relevantes para este estudo. Logo após foi iniciada a escrita da revisão de literatura.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1. PRÁTICAS ESPORTIVAS NA SOCIEDADE MODERNA

Historicamente, a Educação Física escolar inicialmente buscava formar indivíduos saudáveis que pudessem defender o país em possíveis conflitos ou para que estes pudessem trabalhar durante longas horas. Após essa busca pelo corpo perfeito, o esporte passou a ser uma ferramenta para buscar talentos esportivos que pudessem representar o país em competições. A partir daí a Educação Física escolar começou a contar com esportes nas aulas, entretanto, o intuito não era aprender as modalidades e o fenômeno esporte, mas aprender os gestos técnicos necessários para se tornarem atletas. (SALERNO; ARAÚJO, 2008).

O esporte é considerado um dos maiores fenômenos sociais do século. No setor educacional, vários benefícios podem ser obtidos, levando em conta os processos e procedimentos utilizados, como cooperação, socialização, liderança, respeito, e outros, fazendo assim, do esporte, importante artifício para preparar crianças e jovens para viverem em sociedade. Contudo, o esporte quando trabalhado somente em busca da vitória e competição, pode causar distúrbios na vida de crianças e jovens. (MAIA, 2010).

A queda do interesse dos indivíduos em se deleitarem através da participação em atos de violência física, e a preferência pela colaboração, mesmo que mínima e sem violência entre os participantes, foram fatores determinantes para o surgimento do esporte moderno. (MARQUES et al., 2009).

O esporte moderno se refere à atividade corporal de movimento com caráter competitivo, que surgiu na cultura europeia no século XVIII, e que assim, se expandiu pelo mundo. (BRACHT, 2005).

Os benefícios sociais da atividade física estão relacionados à participação em diversos tipos de exercícios físicos, visto que as situações experimentadas em jogos, esportes e competições atendem às necessidades sociais, contribuindo assim para o desenvolvimento e mantimento da dimensão social do indivíduo. Além disso, a prática regular de exercícios traz melhorias no sistema cardiovascular e metabólico, causa mudanças na composição corporal, aprimora a massa óssea, traz melhoria neuromuscular e aumenta o bem-estar. O exercício físico é também essencial na prevenção de doenças crônicas como diabetes tipo 2, arteriosclerose,

hipertensão e osteoporose. (DANTAS; BEZERRA; MELLO, 2009).

A iniciação esportiva traz inúmeros benefícios, entretanto, pode também fornecer malefícios quando é afastada a valorização da participação de todos ou quando se valoriza excessivamente a competição e a vitória. (BELTRAME; SAMPAIO, 2015).

O esporte e a Educação Física Escolar permitem que os estudantes tenham acesso a inúmeras informações que possibilitam a prática de atividades físicas de forma independente ao longo da vida. Experiências positivas na prática esportiva na infância e adolescência aumentam as chances do indivíduo adquirir um estilo de vida ativo quando em idade adulta. (LEHNHARD; MANTA; PALMA, 2012).

Quando trabalhado é de acordo com os objetivos educacionais, a prática do esporte na escola pode trazer diversos acrescentamentos a vida do educando, como a solidariedade, a cooperação, a participação, a criatividade, entre outros. A comunicação e a interação de indivíduos deficientes com as demais pessoas, é muitas vezes difícil, seja por medo do preconceito ou outro motivo qualquer, e a atividade física promovem essa relação, assim, o esporte é uma forma de socialização. (ZUCHETTO, 2002; MAIA, 2010).

A prática esportiva por indivíduos deficientes possibilita a promoção da qualidade de vida destes. Através do esporte, o deficiente pode ver seu potencial e todas as possibilidades, e assim, este é encorajado a se integrar socialmente. (CARDOSO; GAYA, 2014).

4.2. TIPOS DE DEFICIÊNCIA FÍSICA: SUAS CAUSAS

Pode-se entender a deficiência de dois diferentes modos. O primeiro modo diz que a deficiência é uma expressão da diversidade humana, necessitando de adequação social para expandir a sensibilidade dos ambientes às diversidades corporais. O segundo modo afirma que a deficiência é uma restrição corporal que demanda avanços na área da Medicina, reabilitação e genética, de forma que possa oferecer tratamento adequado para melhorar o bem-estar dos deficientes físicos. (SANTOS, 2008).

Segundo Amiralian, et al. (2000), pode-se definir deficiência como a ausência ou irregularidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou

anatômica, podendo ser temporária ou permanente, como exemplo há a falta ou alteração de algum membro, órgão, tecido ou outra estrutura corporal ou das funções mentais.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), através da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), descreve deficiência como “[...] problemas nas funções ou nas estruturas do corpo, tais como, um desvio importante ou uma perda. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2004).

De acordo com o decreto nº 5.296 de 2 de dezembro de 2004, uma pessoa com deficiência é aquela que possui limitações ou insuficiências na realização de algumas atividades. Além disso, é definido como deficiência física a alteração total ou parcial de uma ou mais partes do corpo humano, causando comprometimento das funções físicas. (BRASIL, 2004a).

A deficiência pode ser definida como o resultado da desarmonia entre as condições de uma pessoa afetada por limitações funcionais, suas expectativas acerca da execução de atividades básicas da vida cotidiana, o mantimento da autonomia e autoestima. Indivíduos deficientes carecem de recursos pessoais para encarar preconceitos e estereótipos presentes na sociedade, visto que são, geralmente, alvos de discriminação e preconceito. (RESENDE; NERI, 2005).

A existência de corpos diferentes sempre chamou a atenção e trouxe a curiosidade ou o espanto em diferentes sociedades. Corpos com características não reconhecidas nos demais são descritos como anormais, e essas características, muitas vezes são parâmetros para decidir quais indivíduos serão considerados membros do grupo social. (SANTOS, 2008).

No início da colonização do Brasil, entre os indígenas, era raríssimo encontrar “aleijados”, cegos, surdos, mudos, “coxos” (grifos do autor). A deficiência com origem congênita ou como consequência de doença incapacitante não era encontrada, entretanto, não por questões genéticas ou ausência de doenças, mas devido ao fato de deficiências serem, de acordo com a crença desses povos, sinal de castigo ou maldição, além de esses povos quererem indivíduos totalmente saudáveis e que conseguissem realizar atividades como a pesca, caça e plantio com perfeição e maestria, dessa forma, crianças deficientes ou com mal formações eram condenadas à morte. (SILVA; JUNIOR; ARAUJO, 2008).

Outro povo que condenava à morte crianças deficientes era o espartano. Ao nascer, as crianças eram examinadas por anciões, e caso apresentassem alguma

deficiência, eram condenadas à morte. Assim, estabelecia-se uma eugenia, ou seja, mantinha-se somente os indivíduos “perfeitos e fortes”, de forma a melhorar a “qualidade” da população (grifos do autor). (SANTOS, 2011).

Comumente a sociedade realiza ligações entre indivíduos deficientes e improdutividade, logo, o fracasso é sempre apontado e o sucesso passa despercebido, e quando percebido não se valoriza o esforço utilizado para este. O esporte adaptado possui papel relevante em nossa sociedade ao combater preconceitos e estereótipos que circundam indivíduos deficientes. (GRUBANO, 2014).

As deficiências físicas são divididas em duas espécies: congênitas e adquiridas. As deficiências congênitas são aquelas presentes desde a concepção, enquanto as adquiridas são as que surgem ao longo da vida. Além disso, as deficiências físicas podem ser caracterizadas como: monoplegia (paralisia de apenas um membro do corpo); hemiplegia (paralisia total de um dos lados do corpo); paraplegia (paralisia somente da cintura para baixo); tetraplegia (paralisia do pescoço para baixo); amputação (falta total ou parcial de um ou mais membros do corpo). (GOIÁS, 20--; PARANÁ, 20--).

Entre as causas das deficiências físicas, pode-se citar as doenças nervosas, do tecido osteomuscular e do tecido conjuntivo, do aparelho circulatório e metabólicas. As causas externas mais comuns são os acidentes de transportes, quedas acidentais e violência. (BRASIL, 2004b).

As deficiências físicas congênitas ocorrem desde o nascimento, consequência de causas como: prematuridade, desnutrição materna, rubéola, toxoplasmose, trauma de parto, exposição à radiação, uso de drogas e medicamentos (como a Talidomida), causas metabólicas e outras. (MACEDO, 2008).

Lesões por acidentes de trânsito, lesões ocupacionais, violência, e crises humanitárias são importantes fatores na ocorrência de deficiências físicas adquiridas. É estimado que os acidentes de trânsito representem 1,7% das deficiências físicas, a violência e as brigas, por 1,4%. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2011).

4.3. DEFICIÊNCIA FÍSICA E SEDENTARISMO

Indivíduos que se tornam deficientes quando adultos costumam ver no esporte a possibilidade de superação das dificuldades, em detrimento aos seus iguais, que possuem deficiência congênita ou adquirida na infância. (SILVA et al., 2013).

O deficiente físico fica, na maioria das vezes, durante longos períodos sentado, devido a isso, sua postura se torna inadequada, prejudicando seu rendimento geral, por falta de mobilidade que proporcione o desenvolvimento máximo de seu potencial. Buscando uma educação inclusiva, a tendência é a busca por uma integração e/ou inter-relação entre Profissionais da Educação e da Saúde, de forma que os deficientes físicos possam participar de todas as atividades, incluindo a atividade física. (TAGLIARI; TRÊS; OLIVEIRA, 2006).

Da mesma forma que os demais, os deficientes físicos também alteram seu estilo de vida, tornando-se mais sedentários. Isto implica em diversos problemas, como intolerância à glicose e obesidade, o que torna o indivíduo mais passível à várias enfermidades. Em grande parte das vezes, deficientes físicos que iniciam um programa de atividade física, possuem depressão e distúrbios do sono. (NOCE; SIMIM; MELLO, 2009).

A prática de diferentes atividades e esportes oferece aos indivíduos com deficiência a chance de sentir sensações e movimentos que comumente não são possíveis devido às barreiras físicas, ambientais e sociais.

A inclusão de alunos deficientes nas escolas, tem acontecido, entretanto, apresenta conflitos e dificuldades. As dificuldades estão relacionadas com a superação de limites já impostos pelos próprios professores. A inclusão se refere ao processo de se educar juntamente crianças com ou sem necessidades especiais, durante sua permanência na escola. A presença na turma de um aluno deficiente necessita da adaptação de aluno e professor, pois muitas vezes o aluno possui inseguranças, que acabam por alterar a aprendizagem, atrapalhando assim, o rendimento do aluno. (BOAVENTURA; CASTELLI; BARATA, 2009).

4.4. EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA: SEUS BENEFÍCIOS

A Educação Física Adaptada (EFA) pode ser conceituada como alterações nas atividades tradicionais da Educação Física de modo que crianças com deficiências possam realizá-las com segurança. A EFA possui importante papel no desenvolvimento motor e intelectual, sendo considerada uma atividade adaptada às capacidades. (STRAPASSON; CARNIEL, 2007).

A EFA não é diferente da EF quando se fala dos conteúdos, entretanto, abrange técnicas, métodos e formas de organização para serem aplicados ao aluno deficiente. É o processo de atuação docente que demanda planejamento, buscando atender às necessidades dos alunos. (CIDADE; FREITAS, 2002).

O Esporte Adaptado surgiu como forma de reabilitação física, psicológica e social para indivíduos deficientes. No esporte adaptado ocorrem adaptações e alterações de regras, materiais e espaços, possibilitando que deficientes físicos possam participar de modalidades desportivas. (CARDOSO; GAYA, 2014).

O termo esporte adaptado é usado somente no Brasil, sendo a possibilidade de prática esportiva para indivíduos deficientes. Nos demais países, comumente utiliza-se o termo "Esporte para pessoas com Deficiência" ou "Sport for Persons with a Disability". (SILVA et al., 2013).

No Brasil, o esporte adaptado surgiu em 1958, ao serem fundados dois clubes de desporto em cadeira de rodas, um localizado em São Paulo e outro no Rio de Janeiro. Esses clubes foram fundados por Sérgio Serafim Del Grande e Robson Sampaio de Almeida, ao retornarem para o país após tratamentos de reabilitação em hospitais americanos. (CARDOSO, 2011).

Foram desenvolvidos quatro objetivos em relação à iniciação do esporte adaptado, são eles a reabilitação, a oportunidade social, o recrutamento e a continuidade no esporte. As duas principais formas de entrada no esporte são a reabilitação (comumente após a proposta de um médico ou fisioterapeuta) e a oportunidade de engajamento social com indivíduos com as mesmas condições. (BRAZUNA; MAUERBERG-DECASTRO, 2001).

A prática de atividades esportivas para pessoa com deficiência física, proporciona prazer e bem-estar para corpo e mente, além de promover a melhora da autoestima, conseqüentemente causando melhoria na qualidade de vida e da saúde como um todo. Quando a pessoa tem deficiência física se torna mais disposto a se

envolver nas atividades diárias, além disso, a atividade física proporciona queda no nível de estresse, diminui ansiedade, depressão, e melhora o humor, tornando-o mais participativo em seu meio de vivência. (NOCE; SIMIM; MELLO, 2009).

O esporte adaptado possibilita que diversos atletas encontrem um sentido para suas vidas, bem como auxilia que estes passem a se identificarem não como deficientes físicos, mas como atletas. O esporte adaptado propicia ganhos na independência e autoconfiança, bem como melhorias no autoconceito e autoestima. (GRUBANO, 2014).

A prática de atividades esportivas por indivíduos deficientes, através de adaptações, proporciona benefícios para o bem-estar e qualidade de vida, previne enfermidades, promove a integração e inclusão social, além de auxiliar na reabilitação do deficiente físico. O esporte adaptado é uma alternativa lúdica e prazerosa, pois essas atividades são facilitadoras na melhoria da qualidade de vida. (CARDOSO, 2011; LEHNHARD; MANTA; PALMA, 2012).

O lado motivacional do esporte adaptado é de extrema importância quando se trabalha com indivíduos deficientes. Diversos atletas veem no esporte a chance de se sentir como indivíduos “normais”, encarando assim, o esporte adaptado como um tipo de auxílio para sua deficiência. Dessa forma, pode-se ressaltar a característica de inclusão do esporte, visto que somente por estar envolvido em uma prática esportiva o indivíduo deficiente já pode começar a se ver diferentemente. Além disso, possibilita a inclusão social, visto que os atletas passam a fazer parte de um grupo onde há indivíduos iguais a eles e onde suas realizações são valorizadas. (SILVA et al., 2013).

Contemporaneamente no Brasil, os programas de Educação Física são relacionados à fins medicinais, visando tornar o indivíduo “saudável” com boa postura e aparência física. (PITANGA, 2002.) Psicologicamente, é afirmado que a atividade física atua diretamente na autoestima, autoconceito, imagem corporal, funções cognitivas, bem como na diminuição do estresse, ansiedade e consumo de medicamentos. (MARTINS; RABELO, 2008).

As relações sociais são extremamente importantes, e essa importância pode ser observada ao longo de todas as fases da vida de um indivíduo, pois há a necessidade de interação e socialização com outros indivíduos, isto interfere na sensação de bem-estar e aumenta a autoconfiança, estimulando o mesmo a sair de

seu meio buscando conviver com pessoas de diferentes ciclos sociais. (RESENDE, et al., 2007).

Grande parte das atividades físicas é realizada de forma coletiva, o que beneficia a interação entre indivíduos, estimulando interações sociais, contato visual, possibilitando o reforço de habilidades sociais. (FERREIRA; VAN MUNSTER, 2017).

O lazer se relaciona com tudo aquilo que se escolhe e que forneça o sentimento de bem-estar, diferentemente daquilo que se faz somente pela sobrevivência. (MAZZOTTA; D'ANTINO, 2011).

Atividade de lazer e de socialização tem implicação no bem-estar dos indivíduos, são relacionadas ao sentimento de dependência e independência, pois há atividades que necessitam de mais da ajuda de terceiros, enquanto outras tendem a mostrar para o indivíduo com deficiência sua capacidade de realizá-las sozinho, o que proporciona a sensação de realização, o que proporciona mais disposição para buscar a prática de atividades físicas. (RESENDE; GOUVEIA, 2011).

A prática de esportes adaptados por indivíduos sem deficiência, principalmente por alunos adolescentes que estão em formação pode contribuir para a criação de uma consciência acerca da inclusão e do próprio corpo. Esse tipo de iniciativa permite que indivíduos passem a ver o diferente sem preconceito, ampliando a consciência de si, do outro e do mundo. (VIEIRA et al., 2016).

Aos poucos o esporte adaptado foi ganhando grande número de adeptos, surgiram novas modalidades esportivas e diferentes tipos de deficiências ganharam espaço, como consequência, evidenciou-se mais a competição no esporte adaptado. Assim, a competição de Esportes Adaptados foi nomeada Esporte Paralímpico. (CARDOSO; GAYA, 2014).

4.5. MODALIDADES ESPORTIVAS NAS PARALIMPÍADAS

Inicialmente a palavra paralímpico era a combinação entre as palavras paraplégicas e olímpicas, mas com a inclusão de outros grupos de deficientes, o nome tomou outra conotação. A palavra “paraolímpico” advém das palavras gregas “para”, que significa “ao lado, paralelo” e da palavra “olímpico”, se referenciando assim à ocorrência paralela dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos (grifos do autor). (MARQUES et al., 2009). No fim de 2011, o Comitê Paralímpico Brasileiro retirou a

letra “O” do esporte paraolímpico, que agora é chamado esporte paralímpico, de forma que houvesse padronização com os outros países de língua portuguesa (grifo do autor). (PEREIRA, 2013).

Como consequência da Segunda Guerra Mundial, muitos soldados ficaram com graves sequelas, como mutilações, distúrbios motores, visuais e auditivos e lesões na região da coluna vertebral, causando paraplegia e tetraplegia. Devido a isso, o neurocirurgião alemão Ludwig Guttmann, iniciou um programa de reabilitação através da prática esportiva. Com o sucesso desse programa, em julho de 1984, Guttmann promoveu a primeira competição de cadeiras de roda na mesma data dos Jogos Olímpicos de Londres. (MARQUES, et al., 2009; CARDOSO; GAYA, 2014).

Já Brazuna e Mauerberg-deCastro (2001), afirmam que a I Paralimpíada ocorreu em 1960, com a participação de 23 países e 400 atletas com deficiências físicas. E somente no ano de 1972, na IV Paralimpíada, houve a primeira participação brasileira, não havendo, entretanto, vitórias. Na V Paralimpíada, em 1976, o Brasil ganhou suas duas primeiras medalhas de prata, com Robson Sampaio de Almeida e Luís Carlos da Costa na categoria de duplas no Lawn Bowls, esporte que se assemelha à Bocha. (PEREIRA, 2013).

As regulamentação e organização dos Jogos Paralímpicos é de responsabilidade do Comitê Paralímpico Internacional. Esse comitê foi criado a partir de vários órgãos reguladores, juntamente com a participação de várias áreas de deficiência, o que estabeleceu a carência de se criar uma organização que administrasse e realizasse os eventos com maior eficácia, e que tivesse também voz junto ao Comitê Olímpico Internacional. (MARQUES et al., 2009).

De acordo com Machado (2012) e Comitê Paralímpico Brasileiro (20--), as modalidades das competições paralímpicas são:

- Atletismo;
- Basquetebol em cadeira de rodas;
- Bocha;
- Ciclismo;
- Esgrima;
- Futebol de Sete;
- Futebol de Cinco;
- Goalball;

- Halterofilismo;
- Hipismo;
- Judô;
- Natação;
- Remo;
- Rúgbi em cadeiras de rodas;
- Tênis em cadeiras de rodas;
- Tênis de mesa;
- Tiro com arco;
- Vela;
- Voleibol Sentado.

A Paralimpíada apresenta os princípios de integração e individualização. Integração ao agregar socialmente o deficiente, e individualização por conseguir inserir e efetivar o deficiente em práticas esportivas com bom rendimento, ao mesmo tempo que respeita e se adequa às suas características e limitações, conseguiu-se efetivar sua participação em atividades físicas e desportivas e, podemos dizer, com alto padrão de rendimento. (COSTA; SOUSA, 2004).

Jogos e competições voltadas para deficientes possuem etapas similares e em grande parte das vezes, simultâneas aos campeonatos de atletas sem deficiência. São competições individuais ou coletivas, adaptadas ou não, em níveis regional, estadual, nacional, latino-americano, pan-americano, mundial e paralímpico. Há casos de participação de indivíduos deficientes em competições de atletas sem deficiências, como em amistosos de atletismo, natação, campeonatos regionais e/ou estaduais de judô, e até internacionalmente, como Oscar Pistorius nas Olimpíadas de Londres em 2012. (CAMARGO, 2016).

4.5.1. Paratletas destacados no Brasil

Segundo o Comitê Paralímpico Brasileiro (201-), os atletas paralímpicos que mais conquistaram medalhas em Jogos Paralímpicos foram: os nadadores Daniel Dias (24 medalhas), André Brasil (14 medalhas), Clodoaldo Silva (14 medalhas), e os praticantes de atletismo Ádria Rocha Santos (13 medalhas) e Luiz Cláudio

Pereira (9 medalhas).

Daniel Dias nasceu com má formação dos membros superiores e na perna direita, conheceu a natação aos 16 anos, quando assistiu através da televisão o nadador Clodoaldo Silva em Atenas-2004. Chegou a quebrar cinco recordes em sua modalidade. Tornou-se o maior medalhista da história do evento na natação masculina, superando o australiano Matthew Cowdrey, que liderava com 23. (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2016a).

André Brasil teve o primeiro contato com a natação já nos primeiros meses de vida, por recomendação médica, depois de ser diagnosticado com poliomielite. Em razão da doença, sua perna esquerda ficou mais leve que a direita. Ainda pequeno foi submetido à terapia com choques, visando à estimulação da musculatura, além de ter feito várias cirurgias. Entretanto, o esporte foi o principal tratamento. (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2016b).

Clodoaldo Silva nasceu com paralisia cerebral devido à falta de oxigênio durante seu parto, isto afetou o movimento das pernas e a coordenação motora. Foi eleito o melhor atleta paralímpico de 2005 pelo Comitê Paralímpico Internacional (IPC). No Rio 2016 anunciou sua aposentadoria das piscinas. (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2016c).

A velocista Ádria dos Santos é o maior nome do Brasil entre as atletas paralímpicas. Perdeu sua visão aos poucos devido a uma doença degenerativa, até ficar completamente cega. Quando ficou totalmente cega, já havia participado de duas edições dos Jogos Paralímpicos (Seul-1988 e Barcelona-1992), conquistando três medalha. Encerrou sua carreira com uma medalha de bronze nos 100m rasos, sendo a última das 13 medalhas da velocista, que tem seu nome na história do esporte paralímpico brasileira como maior medalhista feminina do país. (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2015a).

Luiz Cláudio Pereira é um dos maiores nomes do esporte paralímpico brasileiro. Ao longo de sua carreira ganhou seis medalhas de ouro. Além disso, ganhou três de prata. Foi tricampeão do arremesso de peso, e bicampeão no lançamento de dardo e disco. Após se aposentar, foi vice-presidente do Comitê Paralímpico Brasileiro. (REDE NACIONAL DO ESPORTE, 2015b).

Economicamente, o esporte olímpico continua hoje, mais desenvolvido que o esporte paralímpico. Isso é explicado devido ao maior tempo de existência do esporte olímpico, além da presença de preconceitos em nossa sociedade quanto ao

esporte adaptado. O desconhecimento e a ideia que indivíduos deficientes estão destinados à inatividade física podem atrapalhar o desenvolvimento econômico do esporte paralímpico. (MARQUES et al., 2009).

Deficientes físicos devem ser motivados desde a infância a praticar atividades físicas, podendo-se usar grandes nomes do esporte paralímpico para isto. O Professor de Educação Física tem grande papel nessa motivação, pois ele é o responsável pelas primeiras interações do deficiente físico com o esporte, o que acontece nas aulas na escola. Assim, é necessário um professor preparado e com conhecimentos acerca da EFA, pois ele pode ser responsável por melhorias na vida do deficiente físico. (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013).

4.6. A EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA NO ÂMBITO ESCOLAR

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação possui um capítulo voltado para o tratamento da educação especial. Resumidamente, é determinada a necessidade de alunos da educação especial participarem das classes regulares, e somente quando isso não for possível, criam-se classes especiais. (GORGATTI et al., 2004).

A Educação Física objetiva auxiliar o desenvolvimento do indivíduo num todo. Para alcançar todos os alunos, é necessário que as diferenças entre os alunos sejam consideradas, sem serem evidenciadas. As diferenças entre os alunos devem ser compreendidas e respeitadas, devendo ser trabalhadas suas potencialidades individualmente e como integrante do grupo. Ainda há grande receio por parte dos Profissionais de Educação Física para atuar na Educação Física Adaptada. (NASCIMENTO et al., 2007).

A EF é uma importante área de inclusão, e nesta o professor possui maior liberdade para organizar os conteúdos que pretende ensinar para seus alunos, facilitando assim, que a aula seja adaptada para atender todos os alunos, inclusive aqueles com necessidades físicas. (RODRIGUES,2003).

A necessidade de se formar profissionais para atuar na área da EFA surgiu ao se identificar que escassos profissionais da EF atuavam nessa área. Dessa forma, a EFA surgiu nos cursos de graduação através da resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação. Percebe-se que essa é uma disciplina não muito antiga, razões de muitos Professores de Educação Física atuantes em escolas não

terem em sua formação, conteúdos relacionados à EFA. (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013). Um profissional formado e apto a atuar nessa área pode causar melhora no desenvolvimento motor do indivíduo deficiente, permitindo que seus movimentos sejam melhorados, tornando-os mais independentes e saudáveis.

Faz-se necessário que a formação universitária auxilie em uma nova postura ética, apresentando e reforçando para os futuros Profissionais de Educação Física, a solidariedade, reconhecimento da diversidade e da diferença, respeito à vida e direitos humanos básicos. (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013).

Há professores que não aceitam alunos deficientes em suas salas de aula, dizendo não saberem lidar com eles e com a situação. Dessa forma, ocorre o afastamento do aluno com deficiência, tanto pelo professor quanto pelos colegas de sala. (BOAVENTURA; CASTELLI; BARATA, 2009). Fatos como este ocorrem porque existem ainda professores mal preparados que ao invés de procurar o conhecimento para atender as necessidades do aluno com deficiência física, preferem dispensá-los das aulas de EF, afirmando querer garantir a integridade física destes, o que é um fato irreal, sendo muitas vezes uma desculpa dada por esses profissionais. E quando conseguem participar das aulas de EF, muitas vezes, são incumbidos de realizar atividades diferentes de seus colegas. (GORGATTI et al., 2004).

A interação de indivíduos deficientes físicos com os demais alunos pode facilitar que os mesmos respeitem as pessoas ao seu entorno, não somente aquelas com deficiências, havendo compreensão de que cada indivíduo possui uma maneira de perceber o mundo, não sendo melhor e nem pior, somente diferente. (SALERNO; ARAÚJO, 2008).

Pesquisas apontam que as dificuldades na inclusão de alunos que tenha deficiência física podem estar além das condições de trabalho, mais precisamente na indisponibilidade de Profissionais de Educação Física formados na área ou com um maior conhecimento sobre o assunto. A insegurança por parte dos Profissionais de Educação Física pode ser, também, um fator dificultador à inclusão de alunos com deficiência. (FIORINI; MANZINI, 2014).

O Professor de Educação Física deve analisar e buscar em seus alunos, sejam ou não deficientes, capacidades, possibilidades e essência, de forma a contribuir no processo de escolarização, além de assegurar os direitos humanos e sociais dos mesmos. (ROSSI; VAN MUNSTER, 2013).

O Profissional de Educação Física deve saber resolver diversas situações que podem ocorrer devido às diferentes facetas do esporte, visto que este é imprevisível. Assim, não há como estabelecer modelos padrões para se ter certeza de um resultado esportivo positivo. (SILVA et al., 2013).

CONCLUSÃO

As deficiências físicas estão muito presentes em nossa sociedade, sejam elas congênitas, de nascença ou advindas de acidentes. Independente da etiologias, a pessoa que tem deficiência física podem passar por dificuldades no campo social e psicológico.

Socialmente, estes indivíduos podem apresentar dificuldades em se relacionar com demais membros da sociedade, seja por sofrerem preconceito ou pelo medo de sofrerem discriminações. Essa dificuldade pode vir desde a infância, quando estes são deficientes congênitos ou adquiriram a deficiência durante o parto, pois muitas crianças podem se recusar a interagir com outras com deficiências físicas.

Psicologicamente, deficientes físicos podem apresentar problemas de autoestima, decorrentes da não aceitação de sua condição (quando se tornam deficientes após a idade adulta ou adolescência) e o preconceito e discriminação anteriormente mencionada. A autoestima baixa apresentadas por esses indivíduos pode fazer com que estes percam a motivação, tornando-se sedentários, o que pode acarretar problemas de saúde, como a obesidade e problemas cardiovasculares.

A Educação Física possui papel fundamental no desenvolvimento das pessoas, atuando na saúde e na formação do cidadão através do ensino do esporte. A EFA dá continuidade a este trabalho, sendo uma ferramenta de inclusão para deficientes físicos. O esporte é a base da EF, e um agente modificador de vida e conceitos, e deve receber maior importância, sendo inserida na formação do indivíduo, de preferência na infância, pois assim se obterá maiores resultados, como uma sociedade ativa de pessoas saudáveis e aptas.

O intuito deste estudo foi esclarecer de forma clara os benefícios que a prática do esporte traz quando se trata de deficientes físicos e visar à necessidade de investimento na formação de profissionais na área da EFA, para atender todas as necessidades desses alunos. O esporte é a arte de realizar um movimento buscando superar o adversário, no caso dos deficientes físicos cada repetição feita, cada esforço, é em pró de uma maior amplitude de sua capacidade motora. Seu constante adversário são suas próprias limitações, onde a busca diária é a superação e a

realização individual.

O Profissional de Educação Física quando em um ambiente onde há alunos deficientes físicos deve buscar realizar a integração deste com os demais, visto que muitas vezes os alunos com deficiências tendem a se afastar das atividades, seja por preconceito dos demais alunos ou por não acreditarem em suas capacidades. Logo, cabe ao Profissional de Educação Física realizar adaptações nas práticas esportivas, de modo que todos os alunos sejam abrangidos.

Faz-se uma ação interessante que os Profissionais de Educação Física apresentem esportistas paralímpicos para seus alunos com deficiências físicas, de forma que estes se sintam incentivados e tenham em quem se espelhar.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIRALIAN, Maria LT et al. Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, v. 34, n. 1, p. 97-103, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/rsp/v34n1/1388>. Acesso em: 16 ago. 2017

BELTRAME, André Luís Normanton; SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. Atendimento especializado em esporte adaptado: discutindo a iniciação esportiva sob a ótica da inclusão. **Revista da Educação Física/uem**, [s.l.], v. 26, n. 3, p.377-388, 12 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/refuem/v26n3/1983-3083-refuem-26-03-00377.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

BOAVENTURA, Roberta da Silva; CASTELLI, Michele de Souza; BARATA, Tatiana Cristina. Os benefícios da atividade física para a pessoa com deficiência. **Revista Omnia Saúde**, [s.l.], v. 6, n. 1, p.51-61, 2009. Disponível em: <<http://www.fai.com.br/portal/ojs/index.php/omniasaude/article/view/136/pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**; 3ª ed. Ijuí-RS, 2005. Disponível em: <http://md.intaead.com.br/geral/sociologia-do-esporte/pdf/pdf01.pdf>. Acesso em: 14 out. 2017.

BRASIL. Decreto nº 5296, de 2 de dezembro de 2004a. Regulamenta as Leis nos 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em: 27 fev. 2018.

BRASIL. CORDE - Coordenadoria Nacional Para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Ministério da Justiça. **Relatório sobre a prevalência de deficiências, incapacidades e desvantagens**. Niterói: [s.n.], 2004b. 54 p. Disponível em: <http://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/41/docs/relatorio_sobre_a_prevalencia_de_deficiencias_-_sicorde.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2018.

BRAZUNA, Melissa Rodrigues; MAUERBERG-DECASTRO, Eliane. A trajetória do atleta portador de deficiência física no esporte adaptado de rendimento: uma revisão da literatura. **Motriz**, v.7, n.2, p.115-123, 2001. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/07n2/Brazuna.pdf>>. Acesso em: 31 de março de 2017.

CAMARGO, Wagner Xavier. Dilemas insurgentes no esporte: As práticas esportivas dissonantes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p.1337-1350, 2016. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/66188/39803>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

CARDOSO, Vinícius Denardin. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte (impresso)**, [s.l.], v. 33, n. 2, p.529-539, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n2/17.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2018

CARDOSO, Vinicius Denardin; GAYA, Adroaldo Cesar. A classificação funcional no esporte paralímpico. **Revista da Faculdade de Educação Física da Unicamp**, Campinas, v. 12, n. 2, p.132-146, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/.../2295>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

CIDADE, Ruth Eugênia; FREITAS, Patrícia Silvestre. Educação física e inclusão: Considerações para a prática pedagógica na escola. **Revista Integração**, Brasília, v. 14, p.27-30, 2002. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/267956661_EDUCACAO_FISICA_E_INCLUSAO_CONSIDERACOES_PARA_A_PRATICA_PEDAGOGICA_NA_ESCOLA>. Acesso em: 08 abr. 2018.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Quais são as modalidades paralímpicas de verão e de inverno?** 20---. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/web/guest/perguntas-frequentes>>. Acesso em: 15 maio 2017.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Medalhistas**. 201---. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br/web/guest/medalhistas>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação física e esporte adaptado: História, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 3, p.27-42, 2004. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/236/238>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DANTAS, Estélio H. M.; BEZERRA, Jani Cleria Pereira; MELLO, Danielli B. Fitness, Saúde e Qualidade de Vida. In: VIANNA, Jeferson; NOVAES, Jefferson. **Personal Training & Condicionamento Físico em Academia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2009. Cap. 10. p. 297-335. Disponível em: <http://www.headcoach.com.br/artigos/Atividade_fisica/Fitness_saude_e_qualidade_de_vida.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2018.

FERREIRA, Elizângela Fernandes; VAN MUNSTER, Mey de Abreu. Avaliação das Habilidades Sociais de Crianças com Deficiência Intelectual sob a Perspectiva dos Professores1. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.97-110, mar. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v23n1/1413-6538-rbee-23-01-0097.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor. **Revista Brasileira de Educação Especial**, [s.l.], v. 20, n. 3, p.387-404, set. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n3/05.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

GOIÁS. MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE GOIÁS. **Diferentes Deficiências e seus Conceitos**. 20--. Disponível em: <http://www.mpggo.mp.br/portalweb/hp/41/docs/diferentes_deficiencias_e_seus_conceitos.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2018

GORGATTI, Márcia Greguol et al. Atitudes dos professores de educação física do ensino regular com relação a alunos portadores de deficiência. **Revista Brasileira de Ciências e Movimento**, Brasília, v. 12, n. 2, p.63-68, 2004. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/viewFile/558/582> >. Acesso em: 25 mar. 2018

GRUBANO, Everson Cardoso. **O esporte adaptado como fator de inclusão social para pessoas com deficiência física**. 2014. Disponível em: <<http://cienciadotreinamento.com.br/wp-content/uploads/2017/12/O-ESPORTE-ADAPTADO-COMO-FATOR-DE-INCLUSÃO-SOCIAL-PARA-PESSOAS-COM-DEFICIÊNCIA-FISICA.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

LEHNHARD, Greice Rosso; MANTA, Sofia Wolker; PALMA, Luciana Erina. A prática de atividade física na história de vida de pessoas com deficiência física. **Revista da Educação Física/uem**, [s.l.], v. 23, n. 1, p.45-56, 1 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/refuem/v23n1/a05v22n1.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

MACEDO, Paula Costa Mosca. Deficiência Física Congênita e Saúde Mental. **Revista SBPH**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.127-139, dez. 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v11n2/v11n2a11.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

MACHADO, Roseli Belmonte. Paralimpíadas e mídia: o crescimento das Políticas de inclusão. **Cadernos de Comunicação**, [s.l.], v. 16, n. 2, p.375-388, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/download/6842/4936>>. Acesso em: 19 mar. 2018.

MAIA, Maikon Moisés de Oliveira. Dimensões sociais do esporte: perspectivas trabalhadas nas escolas da cidade de Pau dos Ferros, RN. **Efdeportes**, Buenos Aires, v. 144, n. 15, p.1-7, 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd144/dimensoes-sociais-do-esporte-nas-escolas.htm>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues et al. Esporte olímpico e paraolímpico: coincidências, divergências e especificidades numa perspectiva contemporânea. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 23, n. 4, p.365-377, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v23n4/v23n4a06.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

MARTINS, Debora Lourdes, RABELO, Ricardo Jose. Influência da atividade física adaptada na qualidade da vida de deficientes físicos - **Revista Digital de Educação Física** - Ipatinga: Unileste-MG – v. 3, n.2. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n4/v14n4a17>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

MAZZOTTA, Marcos Jose Silveira, D'ANTINO, Maria Eloísa Famá. **Inclusão Social de Pessoas com Deficiências e Necessidades Especiais**: cultura, educação e lazer. Saúde Soc. São Paulo, v.20, n.2, p.377-389, (2011). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v20n2/10.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2018.

NASCIMENTO, Karina Patrício et al. A formação do professor de educação física na atuação profissional atuação profissional inclusiva. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 6, n. 3, p.53-58, 2007. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1225/939>>. Acesso em: 17 mar. 2018.

NOCE, Franco; SIMIM, Mário Antônio de Moura; MELLO, Marco Túlio de. A percepção de qualidade de vida de pessoas portadoras de deficiência física pode ser influenciada pela prática de atividade física? **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, [s.l.], v. 15, n. 3, p.174-178, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v15n3/a02v15n3.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde**. Lisboa: [s.n.], 2004. 238 p. Disponível em: <http://www.inr.pt/uploads/docs/cif/CIF_port_2004.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2018.

PARANÁ. Secretária de Saúde do Estado do Paraná. Governo do Estado do Paraná. **Fatores etiológicos da Deficiência Física**. 20---. Disponível em: <http://www.saude.pr.gov.br/arquivos/File/SPP_Arquivos/PessoascomDeficiencia/FatoretietologicosdaDeficienciaFisica.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2018.

PEREIRA, Ana Cláudia de Andrade. **A história do esporte paralímpico e sua contribuição para os deficientes na sociedade: uma revisão bibliográfica.** 2013. 19 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2013. Disponível em: <[http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2134/PDF - Ana Cláudia de Andrade Pereira.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/2134/PDF_Ana_Cláudia_de_Andrade_Pereira.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 05 abr. 2018.

PITANGA, Francisco José Gondim. **Epidemiologia, atividade física e saúde.** Revista Brasileira de, 2002. Disponível em: http://www.def.unir.br/downloads/2498_epidemiologia_da_atividade_fisica.pdf. Acesso em: 18 fev. 2018.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. **Ádria Santos.** 2015a. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/medalhistas/adria-santos>>. Acesso em: 07 abr. 2018

REDE NACIONAL DO ESPORTE. **Luiz Cláudio Pereira.** 2015b. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/medalhistas/luiz-claudio-pereira>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. **Daniel Dias.** 2016a. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/medalhistas/daniel-dias>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. **André Brasil.** 2016b. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/medalhistas/andre-brasil>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. **Clodoaldo Silva.** 2016c. Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/megaeventos/paraolimpiadas/medalhistas/clodoaldo-silva>>. Acesso em: 07 abr. 2018.

RESENDE, Marineia Crosara de; GOUVEIA, Valdiney Veloso. Qualidade de vida em adultos com deficiência física. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 24, n. 1, p.99-106, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000100012>. Acesso em: 13 fev. 2018.

RESENDE, Marineia Crosara de et al. Rede de relações e satisfação com a vida em pessoas com amputação de membros. **Ciências & Cognição: Revista**

Interdisciplinar de estudos da cognição, [s.l.], v. 10, n. 4, p.164-177, 2007. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/616/398>>. Acesso em: 05 mar. 2018.

RESENDE, Marineia Crosara de; NERI, Anita Liberalesso. Atitudes de adultos com deficiência física frente ao idoso, à velhice pessoal e a pessoas com deficiência física. **Estudos de Psicologia (campinas)**, [s.l.], v. 22, n. 2, p.123-131, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v22n2/v22n2a02.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2018.

RIBEIRO, Evelyn Helena Corgosinho. **Efeito de dois programas de intervenção no nível de atividade física de adolescentes matriculados em escolas da rede pública de ensino da Zona Leste da cidade de São Paulo, SP**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6138/tde-25082009-145814/en.php>>. Acesso em: 21 de maio de 2017.

RODRIGUES, David. A Educação Física perante a Educação Inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **Revista de Educação Física/UEM**, Maringá, v. 14, n. 1, p.67-73, 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3649/2515>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

ROSSI, Patrícia; VAN MUNSTER, Mey de Abreu. Formação profissional em educação física adaptada: Um estudo de caso. In: Encontro da associação brasileira de pesquisadores em educação especial, 8, 2013, Londrina. **Anais...** Londrina: [s.n.], 2013. p. 1550 - 1561. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT03-2013/AT03-012.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2018.

SALERNO, Marina Brasiliano; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Esporte adaptado como tema da educação física escolar. **Conexões**, Campinas, v.6, jul 2008. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8637826/5517>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

SANTOS, Natália de França. O infanticídio indígena no Brasil: o universalismo dos direitos humanos em face do relativismo cultural. **Derecho y Cambio Social**, Lima, Peru, v. 8, n. 25, p.1-28, 2011. Disponível em: <https://www.derechocambiosocial.com/revista025/infanticidio_y_derechos_humanos.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2018.

SANTOS, Wederson Rufino dos. Pessoas com deficiência: nossa maior minoria. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 18, n. 3, p.501-519, set. 2008.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/physis/v18n3/v18n3a08.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

SILVA, Anselmo de Athayde Costa e et al. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s.l.], v. 27, n. 4, p.679-687, dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v27n4/aop_1013.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

SILVA, Rita de Fatima; JUNIOR, Luiz de Seabra; ARAUJO, Paulo Ferreira. **Educação Física Adaptada no Brasil: Da Historia à Inclusão Educacional**. São Paulo, Phorte,2008. Acesso em: 04 de março de 2017.

STRAPASSON, Aline Miranda; CARNIEL, Franciele. A Educação Física na Educação Especial. **Efdeportes**, Buenos Aires, v. 11, n. 104, p.1-17, jan. 2007. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/EdF_Ed_Especial.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2018.

TAGLIARI, Carina; TRÊS, Francesca; OLIVEIRA, Sheila Gemelli de. Análise da acessibilidade dos portadores de deficiência física nas escolas da rede pública de Passo Fundo e o papel do fisioterapeuta no ambiente escolar. **Revista Neurociências**, [s.l.], v. 14, n. 1, p.10-14, 2006. Disponível em: <[http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2006/RN_14_01/Pages from RN 14 01-2.pdf](http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2006/RN_14_01/Pages%20from%20RN_14_01-2.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

VIEIRA, Shirley Silva et al. Os esportes adaptados como conteúdos para as aulas de educação física no ensino médio técnico: A questão da deficiência. In: Mostra Nacional de Iniciação Científica e Tecnológica Interdisciplinar, IX., 2016, São Francisco do Sul. **Anais...** São Francisco do Sul: [s.n.], 2016. p. 1 - 5. Disponível em: <<http://eventos.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/5/2014/08/Os-Esportes-Adaptados-como-Conteudos-para-as-Aulas-de-Educacao-Fisica-no-Ensino-Medio-Tecnico-a-questao-da-deficiencia.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Relatório mundial sobre a deficiência**. São Paulo: [s.n.], 2011. 334 p. Tradução de: Lexicus Serviços Linguísticos. Disponível em: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=B080939D37BED53B16850D6AA77668A7?sequence=4>. Acesso em: 29 mar. 2018.

ZUCHETTO, Ângela Teresinha; CASTRO, Rosangela Laura Ventura Gomesde. As contribuições das atividades físicas para qualidade de vida dos deficientes físicos. **Rev. Kinesis, Santa Maria**. Nº26. P. 52-166, (2002). Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/8010>>. Acesso em: 25 de abr de 2017.